

# QUESTÕES DO CAMPO RELIGIOSO DE SOURE, ILHA DE MARAJÓ, DURANTE AS ELEIÇÕES DE 2000<sup>1</sup>

**Marcos Silva da Silveira**

Departamento de Antropologia - Universidade Federal do Paraná

submissão: 20.04.2022 aprovação: 10.02.2023

---

<sup>1</sup>Originalmente apresentado no 44º Encontro Anual da ANPOCS/ GT50 - Religião e Sociedade: reunir temáticas e revisitar limites. Coordenadoras(es): Rodrigo Toniol (UNICAMP) e João Rickli (UFPR), em 2020.

## RESUMO

As eleições municipais de 2000, em Soure, Pará, foram precedidas de uma séria crise política vivenciada com um largo uso de recursos simbólicos, fazendo com que a eleição de outubro tivesse um caráter de “salvação”. O prefeito eleito articulou o apoio de diversas lideranças religiosas e culturais presentes na cidade, imprimindo um tom “purificador” à sua candidatura e à sua vitória. No ano seguinte, verificou-se uma acirrada competição entre líderes das principais religiosidades da cidade: católicos, pentecostais e pajés, que procuravam otimizar sua participação na “salvação” do município. Este caso de competição permite uma reflexão a respeito de dinâmicas próprias da religiosidade brasileira contemporânea.

**Palavras-chave:** Religião popular, Amazônia, política municipal, turismo.

### ISSUES OF THE RELIGIOUS FIELD OF SOURE, ILHA DO MARAJÓ, DURING THE ELECTIONS IN 2000

#### ABSTRACT

The 2000 municipal elections in Soure, Pará, were preceded by a serious political crisis, experienced with a wide use of symbolic resources, making the October election a “salvation”. The elected mayor articulated the support of various religious and cultural leaders present in the city, giving a “purifying” tone to his candidacy and his victory. The following year, there was fierce competition between leaders of the city’s main religiosities, Catholics, Pentecostals and shamans, who sought to optimize their participation in the “salvation” of the municipality. This competition allows a reflection, from this case, on the dynamics of contemporary Brazilian religiosity.

**Keywords:** Popular religion, Amazonia, municipal policy, tourism.

### PROBLEMAS EN EL ÁMBITO RELIGIOSO DE SOURE, ILHA DO MARAJÓ, DURANTE LAS ELECCIONES DE 2000

#### RESUMEN

Las elecciones municipales de 2000, en Soure, Pará, fueron precedidas por una grave crisis política, vivida con un amplio uso de recursos simbólicos, haciendo que la elección de octubre tuviera un carácter de “salvación”. El alcalde electo articuló el apoyo de varios líderes religiosos y culturales presentes en la ciudad, dando un tono “purificador” a su candidatura y su victoria. Al año siguiente, hubo una feroz competencia entre líderes de las principales religiosidades de la ciudad, católicos, pentecostales y chamanes, que buscaban optimizar su participación en la “salvación” del municipio. Este caso de concurso permite una reflexión sobre la dinámica de la religiosidad brasileña contemporánea.

**Palabras clave:** Religión popular, Amazonas, política municipal, Turismo.

## 1. INTRODUÇÃO

O campo religioso brasileiro politizou-se bastante nas duas últimas décadas. Não creio que isso se traduza numa “espiritualização” da política ou coisa do gênero, como talvez algumas correntes religiosas gostariam de acreditar. Ao contrário, creio que assistimos ao estabelecimento de uma vigorosa tendência intramundana no nosso cenário religioso, nos termos consagrados de Max Weber e Louis Dumont. Os líderes religiosos e suas instituições passando a agir cada vez mais sobre o “Mundo”, um mundo cada vez mais entendido como o “Nosso Mundo”, com espaços políticos a serem ocupados por essas lideranças, que cada vez mais competem entre si em diversas situações. Neste artigo, irei apresentar resultados de pesquisa que contribuem com essa questão, em que, diante de uma crise política municipal, diversas lideranças religiosas participaram ativamente em processos de uma reconstrução da governabilidade local, para em seguida procurarem redefinir sua posição neste novo cenário político que ajudaram a criar.

No ano de 2000, após concluir o Doutorado em Antropologia na Universidade de Brasília, assumi um contrato de professor visitante na Universidade Federal do Pará (UFPA), junto ao departamento de Antropologia. Meu objetivo era, além de dar aulas, poder pesquisar a religiosidade amazônica, sob a orientação do professor Raymundo Heraldo

Maués<sup>2</sup>. O objetivo da pesquisa era acompanhar os festejos e cerimoniais da cidade de Soure (PA), famosa pelo seu calendário cultural: Carnaval, festivais de quadrilha, festas juninas, círios, festas de santos padroeiros, obrigações aos “encantados caboclos” e aos orixás africanos e batizados evangélicos compunham um calendário anual bastante elaborado, que atendia a públicos variados e era responsável por um fluxo turístico permanente, tanto da Ilha de Marajó quanto um todo como de Belém e de Macapá.

Fui surpreendido por uma crise política que se abateu no município em 2000, com a destituição do prefeito e a nomeação de um interventor, às vésperas da nova eleição. As diversas lideranças religiosas locais promoveram intervenções na cena política, juntamente com as suas procissões e festas. O objeto da pesquisa deslocou-se para as relações entre o plano político e o plano religioso, por meio da manipulação de símbolos religiosos, por essas lideranças em função da crise política.

Eu já havia trabalhado com esse objeto, quando do meu mestrado na UnB, sobre a história dos pioneiros da Umbanda e do culto aos orixás no Distrito Federal. A pesquisa foi realizada durante o final do governo Collor, que mobilizaria o campo religioso nacional e local de várias maneiras. Uma série de questões, que depois ganhariam muita evidência, se esboçavam naquele momento. Os conflitos entre cultos evangélicos pentecostais, que buscavam ascender politicamente,

<sup>2</sup> Agradeço a acolhida de Wilma Marques Leitão, Angélica Motta-Maués, Jane Felipe Beltrão, Samuel de Sá e Carmen Isabel Rodrigues. Agradeço também à Wilma Marques Leitão pelos seus comentários. E aos alunos e alunas que tive nos campi da UFPA, em Soure e em Belém. Dedico este artigo a Heraldo Maués, já aposentado e afastado, pela importância de seu trabalho sobre cultura e religião da Amazônia.

e os cultos de matriz africana, que tinham uma presença discreta junto à classe política, ainda não eram explícitos, mas, ao final da crise do governo Collor, os cultos evangélicos, que o apoiavam inicialmente, com suas orações do lado de fora da “Casa da Dinda”, apareciam como tendo sido iludidos pelo Presidente, que realizava rituais de Quimbanda, dentro da sua casa, o que se tornou um símbolo das razões de sua queda, bastante explorados pelos pentecostais. O campo religioso da capital federal tinha sido muito afetado pelas atribuições daquele governo e reven-endo aquele momento a partir de hoje, é possível afirmar que certos redirecionamentos nas relações entre o campo religioso e político do país começavam a ser redefinidos naquela época.

Da mesma maneira, no estudo realizado em Soure, cerca de dez anos após minha pesquisa de mestrado, me deparei com um outro momento dessa redefinição do campo religioso diante da vida política democrática, pós-Constituição de 1988, na medida em que líderes católicos, evangélicos e espíritas uniram-se em 2000 respondendo à crise política e elegendo para prefeito um candidato, que até então, não havia participado da vida política partidária e que soube transitar entre eles. A partir de 2001 passaram rapidamente a negociar, a partir desse novo momento, suas diferenças e divergências, dentro da vida social do município. Mais uma vez, creio que, situações que hoje são corriqueiras no campo religioso brasileiro, começavam a se delinear naquele tempo e naquele espaço, dentro das dimensões próprias de um contexto político municipal.

Discutindo a partir de uma pesquisa realizada no Sul da Bahia, Goldman (2017) fez uma série de considerações úteis para repensar esse material de pesquisa. Trabalhando as relações políticas dos grupos afro com a classe política de Ilhéus, ele pôde perceber que a vida política da região, ao invés de ser “periférica” aos grandes centros de decisão, como Salvador, revelavam, à sua maneira, dimensões importantes dos processos políticos vigentes no país. Melhor do que insistir na tese de que falta alguma coisa na democracia brasileira é procurar desenvolver abordagens simultaneamente macrosociológicas e micropolíticas que permitam explicitar bem alguma coisa sobre o sistema político em questão a partir de situações vivenciadas e devidamente etnografadas, além de destacar a experiência dos interlocutores com os seus diversos pontos de vista, sempre divergentes em se tratando de política. Goldman (2006) tem uma discussão metodológica muito significativa, que pretendo seguir aqui. No caso que ele analisou, tratava-se da inauguração de um centro de cultura afro e dos desafios que os grupos afro encontravam diante da classe política. O caso de Soure é diferente, mas a proposta se encaixa. Pretendo falar de todas as religiosidades envolvidas, a partir das suas performances, sem me deter em nenhuma em particular.

## 2. A CRISE POLÍTICA

Chove muito em Soure no primeiro semestre do ano. Por isso, resolvi dar início ao meu trabalho de campo somente no período compreendido

pela última semana do mês de julho e a primeira de agosto. Fim das férias de verão, quando a cidade recebe shows de bandas semanalmente, entre outras atrações menores. Veraneio nas praias, grande atração para os estudantes universitários de Belém que esperavam o reinício das aulas.

Quando cheguei na cidade, não encontrei os moradores se preparando para os cívicos de outubro e novembro, que eu pretendia acompanhar, mas com um impasse político. O prefeito, eleito em 1996, havia deixado de pagar o funcionalismo público, nos meses de maio, junho e julho, que são importantes para o calendário cultural da cidade<sup>3</sup>. Ele havia sido destituído pela Câmara Municipal em abril, por diversas irregularidades, além do atraso sistemático dos pagamentos. Retornou por meio de um mandado de segurança. Com a chegada do mês de agosto, a insatisfação de todos os que dependiam dos pagamentos da Prefeitura aumentava dia a dia. Não só os salários não eram pagos como as dívidas junto ao comércio local não eram salgadas, tendo deixado a economia de Soure, em larga medida, paralisada.

Os professores da rede pública suspenderam as aulas e ocuparam a Prefeitura, impedindo o prefeito de continuar à frente do governo. Ao final do mês de agosto, correu um boato de que o prefeito e a esposa se preparavam para deixar a cidade, fugindo para Belém. A população, revoltada, cercou sua casa e começou a apedrejá-la,

além de ameaçar incendiá-la. O prefeito e sua família tiveram que sair escoltados pela polícia para, de fato, pegarem um barco para a capital. O próprio prefeito terminou por pedir uma intervenção estadual no município, como forma de garantir a realização das eleições municipais. O governo estadual nomeou um interventor que governaria Soure entre os meses de setembro e dezembro, garantindo a realização das eleições e voltando a pagar o funcionalismo e a saldar as dívidas com o comércio local.

Teixeira (1988: 17) formulou uma discussão sobre a “natureza demoníaca da política”, na qual trata dessas situações em que políticos trabalham em função de seus interesses particulares em detrimento dos interesses públicos e coletivos. A política, quando vista assim, tenderia a ser dominada e controlada por indivíduos que têm esse tipo de atitude. O resultado é uma descrença generalizada não só nesses políticos, mas na prática política como um todo, que termina sendo percebida como uma atividade “impura”, marcada por essa “natureza demoníaca”.

Dentro desta discussão, Kuschnir (2000: 15) acrescenta a noção do “mito do político ideal”, aquele que, ao contrário, realmente se preocupa com a população e se esforça para garantir o seu bem-estar, ao contrário dos políticos “típicos”, do modelo de Teixeira (1988). Observando suas discussões, pode-se ter um vislumbre da cons-

<sup>3</sup>Em junho começa o verão na região amazônica, com dias ensolarados dando lugar às chuvas diárias e torrenciais dos cinco primeiros meses do ano. É uma época festiva, celebrada com as comemorações da quadra junina. Julho é o mês do veraneio paraense, com praias cheias e uma série de atividades de lazer por todas as praias do estado. A Ilha de Marajó, em particular as praias de Salvaterra e Soure são muito visitadas, principalmente na segunda quinzena do mês. A maior parte dos turistas é do próprio estado, sendo que muitos são naturais da região. Soure é reconhecida por seus agentes de turismo como um típico balneário de jovens de Belém (Figueiredo 2000).

trução da candidatura vitoriosa. O candidato que se elegeu prefeito, em 2000, era médico, com o seu próprio hospital particular na cidade, onde prestava atendimentos diferenciados à população local<sup>4</sup>. Sua candidatura foi muito negociada, visto que ele não tinha ambições políticas e apresentou-se como um nome alternativo ao cenário político local, com os demais candidatos sendo considerados de pouca confiança pelo eleitorado naquele momento. Não era, todavia, estranho aos quadros políticos e sociais locais, movendo-se com desenvoltura no cenário político em crise. O apoio das lideranças religiosas e culturais e do funcionalismo público foram decisivos para a sua vitória<sup>5</sup>. Depois de seu governo, voltou ao seu hospital, não se candidatando à reeleição nem a outro cargo eletivo nas eleições de 2004.

O que chamou a atenção, por isso mesmo, foi como a população passou a dramatizar, ritualizar e celebrar suas possibilidades de reivindicação e intervenção diante desta crise, utilizando como recursos simbólicos para essa mobilização práticas religiosas, como cultos ecumênicos, reuniões de oração e bênção, além das passeatas e protestos. Toda essa enorme mobilização popular foi apoiada pelas lideranças católicas, evangélicas e pelos pajés e mães de santo locais. Na sequência, uma série de eventos de caráter religioso marcaria todo o processo eleitoral.

Todo o processo de mobilização social ocorrido em torno da sucessão do prefeito de Soure foi tão cerimonialmente marcado, que é possível tratá-lo como parte de um “Drama social” específico, conforme discutido por Turner (2008). Para esse autor, diante de uma crise social, processos rituais poderão viabilizar ações corretivas até que a situação possa retornar a alguma normalidade. Processos rituais que neste caso giravam em torno da realização do pleito municipal, o principal “rito restaurador da Ordem”. Diante da ruptura instaurada pela má-administração do primeiro prefeito, que culminou na sua destituição, e da crise política que se seguiu, toda a mobilização popular pelo reestabelecimento da ordem política, com o surgimento da candidatura do novo prefeito, eleito em 2000, podem ser vistas como ações corretivas, nos termos de Turner (2008), bem-sucedidas, dentro de certos limites, para reestabelecer a ordem social. Muitas negociações aconteceram ao longo do processo, dentro das práticas políticas vigentes, mas outras ações, provenientes das práticas religiosas locais, também foram incorporadas ao processo, como será destacado mais adiante.

Heredia (2002) discutiu como o processo eleitoral democrático é parte de um sistema permanente de relações entre eleitos e eleitores, que compõem, de fato, a vida política municipal. Num momento anterior, Palmeira e Heredia

<sup>4</sup>Também era conveniado com o Sistema Único de Saúde (SUS).

<sup>5</sup>Essa vitória não foi de “lavada”, como se diz. O prefeito eleito, pelo PL, partido inexpressivo na região, ficou com 27% dos votos. Os candidatos derrotados em 2º e 3º lugar, do PTB e do PMDB, praticamente empatados com 22% dos votos. Em números, ele se elegeu com 400 votos acima do segundo colocado, num total de 8.000 votos.

(1995) discutiram como os pleitos municipais integram-se no complexo de cerimônias religiosas e culturais onde são realizadas. Suas reflexões contribuem para uma análise de como reivindicações políticas são negociadas dentro de uma lógica de contraprestações sociais, que os agentes envolvidos procuram considerar, nos seus respectivos termos simbólicos. O caso de Soure demonstra limites neste tipo de negociação, da dialética entre uma lógica de reciprocidade e uma lógica da ação política, propriamente dita, por meio de situações distintas, que considere a seguir, em separado.

Processos rituais, como definiu bem Tambiah (1985), combinam uma dimensão altamente formal com significados contextuais. Por mais padronizados e repetitivos que desejem que sejam, por parte de seus realizadores, sempre há espaço para acontecimentos circunstanciais se manifestarem, revelando e expressando questões importantes do contexto social que o promove naquele momento. No caso de Soure, as questões do contexto social exigiram um rearranjo dos processos rituais convencionais, em ações rituais bastante dramáticas para os seus participantes. Sem deixar de manter as suas dimensões festivas, cerimoniais e mesmo religiosas, como os processos rituais que Tambiah (1985), dentre outros antropólogos estudaram e estudam, a crise política de Soure foi vivenciada dentro e a partir dos seus principais ritos anuais. Como a escalada da crise política, nos termos de Turner (2008), a política

terminaria englobando a vida cerimonial e sendo expressa em seus termos.

### 3. A AÇÃO CATÓLICA<sup>6</sup>

Assim que retornei a Soure, ainda em agosto de 2000, deparei-me com uma pequena faixa, estendida no jardim do complexo da Igreja Matriz: “Maria clama por Justiça”. Três semanas depois, na frente do salão paroquial, era possível ler, disposto em várias faixas: “Queremos punição urgente para as pessoas que não souberam administrar a verba do FUNDEF”; “Os funcionários clamam por seus salários em dia”; “Queremos nossos salários pelo Amor de Deus. Socorro!”.

Esses espaços da Igreja Matriz, normalmente vagos, eram ocupados apenas por avisos de atividades desenvolvidas no salão paroquial, como reunião de jovens e senhoras. Agora, estavam sendo mobilizados pelo movimento dos servidores municipais, com os professores à frente. Tanto o bispo católico quanto a madre superiora, diretora de um colégio, foram intermediários importantes entre os representantes políticos e o movimento popular. Como lembrou a madre superiora em depoimento:

“Foi aquele momento de tumulto, mas a gente foi conversar com os policiais, pediu muito e a gente formou uma comissão de frente de greve, onde eu estava participando com mais outros professores e funcionários de outras categorias; então nós ficamos lá apossados na prefeitura e imediatamente a gente começou a fazer campanha de pedido de alimen-

<sup>6</sup> Basicamente tratarei da dimensão pública dos diversos rituais que pude assistir e participar, na condição de professor pesquisador. Nesse sentido, não tive acesso a dimensões mais privadas da vida política local, como relações familiares e de vizinhança entre políticos e apoiadores.

tação, de tudo que precisava e o povo teve uma solidariedade muito bonita, que todo mundo levava, bastava a gente anunciar no som que estava faltando um feijão, um arroz, um açúcar que todo mundo ia levando, gás, tudo. Então começou a fazer um alimento comunitário para dar para todo mundo que estava lá; e o povo dormia lá na prefeitura; a porta, as coisas tudo caindo da prefeitura e o povo por sinal consertou. Agora a gente entrou num acordo pra não chegar depredando nada, não destruir nada, não ter violência, nem com a polícia. Então, os policiais, pra onde a gente ia eles iam seguindo a gente, a comissão; eu lembro que nós tivemos que ir na casa do presidente da Câmara conversar, o prefeito não foi possível porque ele fugiu da gente; fomos pra juíza em pleno dia de domingo, ter audiência com a juíza, uma manhã inteira de audiência com a juíza; depois, o prefeito quando se viu cercado mandou me chamar lá na casa dele que queria falar comigo, sabia que era eu; só que não dava pra eu ir, não tinha como, e depois ele me mandou chamar na casa dele, mas quando eu estava indo o bispo chegou, convidei o bispo e nós fomos conversar; estava ele e todo o secretariado dele. Ele estava muito agressivo, por sinal, a mulher dele veio de lá e me agrediu muito, falando que eu estava encabeçando a greve, ameaçando as crianças de perder pontos por participar da greve; eu disse para ela que não estava fazendo aquilo, primeiro porque não tinha aula, então não tinha nada de tirar ponto; segundo era a própria situação que estava fazendo todo mundo ir, que eu não estava obrigando ninguém; era o povo mesmo que estava revoltado.”

Nesse clima eu encontrei a cidade, enquanto dava aulas de Introdução à Antropologia no campus Soure da UFPA. Durou o semestre todo. O Círio de Nazaré de Soure acontece entre a segunda e a terceira semana de novembro, um mês depois do Círio de Belém. As eleições já haviam acontecido e a vitória do candidato apoiado pe-

las lideranças religiosas fora muito comemorada pelos seus apoiadores e pelo movimento dos professores e funcionários públicos. A cidade esvazia quando do Círio de Belém e fica cheia durante os dois finais de semana de seu próprio Círio, com a vinda de sourenses que trabalham e vivem em Belém ou Macapá e têm laços familiares na cidade. Naqueles momentos, havia um sentimento de agradecimento, na procissão, estimulado pelos organizadores da festa, já que o interventor conseguira realizar as eleições e o candidato eleito procurava dialogar com as organizações comunitárias locais. Não havia tomado posse ainda, e os salários atrasados não haviam sido pagos. O clima reinante, todavia, era de decepção, como sintetiza uma das líderes do movimento popular, professora de Soure:

“O Círio olhando pelo lado religioso foi ótimo, mas olhando pela nossa situação, pelos funcionários continua ainda aquela angústia tanto pelo município como a nível de estado. O Almir Gabriel<sup>7</sup> cortando os direitos, tem funcionário que perdeu salário-família, outros saíram do IPASEC e passaram para o INSS porque a questão da saúde ficou mais precária ainda e os reajustes que há sete anos que ninguém, os salários não são reajustados. Quer dizer, a pessoa não tem aquele ânimo, todo mundo trabalhando, mas todo mundo entalado com a situação que vem sofrendo o professor. Aqui, pelo menos, no município, o prefeito fez a festinha do professor, a maioria não foi, não foi porque acha assim, que não tem nada que ficar comemorando, que as coisas estão ruins.”

A procissão foi organizada pela Igreja, na matriz do Menino Deus, como sempre, mas, neste ano a madre superiora foi a voz do Círio.

<sup>7</sup> Governador eleito do estado do Pará, à época pertencente ao PSDB.

Era ela que, num carro de som, conduzia a procissão, exortando os fiéis em sua devoção à Maria de Nazaré. À mediação de Maria, enquanto mãe de Jesus, sobrepunha-se a sua mediação de madre superiora, líder religiosa e comunitária, nesta cerimônia que celebra, entre outras coisas, a importância feminina na religiosidade da região amazônica. O mundo das religiões em primeiro lugar é um assunto feminino e suas práticas costumam ser conduzidas por mulheres que rezam, curam, aconselham e intermediam as relações com o Sagrado, sem que deixe de haver espaço para especialistas homens, como pajés, pais de santo, benzedores, santeiros e “leigos” do Catolicismo oficial.

O Círio consiste, basicamente, na saída da Virgem de Nazaré da Igreja Matriz, na sexta-feira, em peregrinação por uma série de capelas da cidade, até que no domingo de manhã ela retorna para a Matriz. Ao longo desse percurso, ela é adorada pelas famílias que moram por onde ela passa, com fogos de artifício e faixas de agradecimento, mas também com um rito mais singelo. As famílias colocam suas próprias imagens da Virgem de Nazaré em altares improvisados na rua, de forma que a Virgem, da matriz, circula pelas virgens dos lares. As mulheres das residências permanecem junto às suas imagens, para assistir a Virgem passar, e recebem homenagens juntamente com ela.

No imaginário popular, a santa sai para visitar seus adoradores e o Círio consiste exatamente nisso. A reunião de famílias sourenses é impressionante. Casas que permanecem fechadas

a maior parte do ano são reabertas, recebendo muitos hóspedes. Não é uma festa turística, pois a rede hoteleira não lotou durante este fim de semana, mas a cidade fica cheia, graças aos “filhos de Soure” que retornavam durante o período.

Aspectos importantes da vida social de Soure desfilavam junto à Virgem de Nazaré: vaqueiros vindo das fazendas, alguns exibindo camisetas de suas fazendas, outros, trajes típicos do vaqueiro marajoara; a guarda municipal montada em búfalos; carros de búfalo enfeitados acompanham o cortejo; o deputado estadual que se elegeu por Soure e Salvaterra, cidade próxima, cedeu seu carro de som para a organização do Círio, que sempre ostenta seu nome; ao longo do percurso, políticos e instituições civis saúdam a passagem da Virgem com faixas; famílias colocam faixas de louvor nos muros. Em algumas residências, sonororas queimas de fogos eram realizadas.

A procissão foi se espraiando pelas grandes avenidas de Soure, onde pequenos comerciantes colocaram algumas mesas para servir bebidas e tira-gostos. Algumas famílias fazem o mesmo, assistindo ao Círio sentadas na frente de suas casas. De fato, existem duas maneiras de se participar do Círio: acompanhando a procissão ou esperando ele passar pela porta de casa ou em algum ponto privilegiado na rua. Algumas pessoas ficam bebericando e conversando, esperando o Círio passar. Ao final da procissão as ruas se esvaziam e os participantes dirigem-se às suas casas, para o almoço do Círio - em geral uma maniçoba - que pode durar a tarde inteira, esvaziando as ruas.

Um grande momento do Círio foi quando ele passou em frente ao colégio das freiras, o Stela Maris, dirigido pela madre superiora. Foi realizada uma homenagem à Virgem, com crianças vestidas de anjo atirando papel picado. O tom da homenagem continuou ao longo de toda a procissão. Num certo sentido, quando a procissão vai caminhando, é como se o povo fosse, progressivamente, tomando a santa novamente para si, até que esse mesmo “povo” a entrega de volta à igreja matriz e a seus guardiões eclesiásticos. Lembra, mais uma vez, a madre superiora:

“No ano passado, o tema foi a festa da partilha. A homenagem que nós fizemos foi diferente, ressaltando os trezentos nomes que a Nossa Senhora tem, devido às diversas circunstâncias em que ela se manifestou na vida do povo; então de acordo com cada situação que ela se manifestou, por exemplo, ela é considerada Nossa Senhora Aparecida porque ela apareceu na rede dos pescadores, por isto ela é Nossa Senhora Aparecida; então, de acordo com os títulos que ela teve nós colocamos uma música que fala de Maria com os trezentos nomes que ela tem, foi esta homenagem e pedimos nós priorizamos a realidade da educação, visto que ano passado passamos por um momento muito difícil na vida da educação, entramos até em greve, paralisamos e foi até intitulada a escola como cabeça da greve pelo fato de ter começado aqui no quintal da escola a reunião que levou a tomada da prefeitura.”

#### 4. OS EVANGÉLICOS

Os evangélicos têm um estilo de vida bem distinto dos católicos paraenses, com atividades sociais que eles mesmo organizam e promovem, mas sua participação na vida política local era

muito bem-definida. Os pastores, diáconos e presbíteros apoiavam candidatos, recebiam políticos e influenciavam o voto de seus congregados.

Maior culto pentecostal do Brasil, a Assembleia de Deus de Belém do Pará foi fundada em 1911. O missionário sueco Gunnar Vingren, fundador da igreja, visitou o Marajó em 1912, estando na região de Soure, onde também abriu um templo. Essa viagem tem contornos míticos, com seus próprios milagres, fazendo parte da história oficial da Assembleia de Deus e da memória dos evangélicos locais. Além da Assembleia, encontravam-se presentes a Igreja Cristã Evangélica do Brasil, a Igreja Quadrangular, a Batista, a “Jesus te ama”, a Universal do Reino de Deus e a Adventista do 7º dia, mas somente a Assembleia de Deus estava presente em todas as vilas da região. Vale lembrar que a Assembleia de Deus tem, em Soure, um status de religião tradicional comparável à católica, devido à sua antiguidade e à sua influência.

No segundo semestre de 2000 chamou a atenção, em primeiro lugar, a participação dos evangélicos em uma série de cultos ecumênicos realizados tanto pela Assembleia de Deus, quanto por outras denominações evangélicas, aproveitando a oportunidade para marcar presença diante da crise política. O primeiro desses cultos ecumênicos aconteceu no 7 de setembro. Não houve desfile de escolas nem de outras instituições do Estado. Ao contrário, foi realizado um evento cívico-religioso. O hino nacional foi executado pelas bandas evangélicas. A Igreja Católica fez a abertura com uma

liturgia, enquanto o pastor da Assembleia de Deus iniciou um louvor, seguido da leitura da Bíblia. Novamente o padre católico assumiu o ofício realizando uma adoração e uma oração em favor da cidade. O evento aconteceu cedo, entre as 7 e 9 da manhã, evitando o calor daquela época do ano.

À noite, o pastor da Assembleia promoveu uma corrente de oração em frente à Prefeitura. A mocidade da Igreja, liderada pela banda *Jetsema* animava o evento, que tinha um tom bastante festivo, em contraste com o tom sério e preocupado do sermão do pastor. O grande momento da noite foi a oração coletiva e a bênção, quando todos os presentes procuraram envolver a Prefeitura com sua corrente de fé. Ao final da cerimônia, a banda continuou tocando, enquanto um tacacá, comida típica da Amazônia, era oferecido aos presentes. A Assembleia de Deus nunca tinha feito um evento desse tipo na cidade.

Era uma maneira evangélica de estar presente na cena política, ocupando, à sua maneira, um espaço que se fez disponível a partir da invasão da Prefeitura, e continuava com a chegada do interventor. Ele, empossado, cederá o palanque para a Assembleia de Deus promover a cerimônia do dia da Independência. O outro evento foi um culto ecumênico realizado no ginásio da cidade, o espaço mais importante da vida cultural de Soure, antes da posse do prefeito eleito, no dia 1º de janeiro de 2001, com

o objetivo explícito de ser um culto de bênção em favor deste novo prefeito. Os membros da Câmara Municipal acompanharam o culto, promovido pela Igreja Católica e pela Assembleia de Deus, mas executado pelo pastor batista de Soure. Mais de 300 pessoas estavam presentes, lotando o ginásio.

## 5. PAJELANÇA E UMBANDA<sup>8</sup>

A Ilha de Marajó é considerada uma “Ilha Encantada”. Seus encantos não são apenas suas paisagens naturais, mas também os espíritos dos “Encantados”, que povoam diversos locais e o imaginário local com aventuras envolvendo tanto essas entidades quanto os pajés que os controlam e com eles trabalham. Existe muita pajelança na Ilha e em Soure. Como 3/4 da população do município é urbana, muitos terreiros e casas de santo são encontrados nos diversos bairros da cidade. A participação desses líderes religiosos na política também é notável, sendo que a vereadora mais votada no pleito de 2000, uma líder comunitária muito popular, era pajé, dona Roxita. Diversos candidatos a vereadores fizeram campanha em terreiros, com o apoio de pajés e mães de santo.

Na noite de 24 de agosto de 2000, a noite de Exu, foi realizado um grande comício pelo candidato que seria eleito, numa encruzilhada, formada pelo característico traçado modernis-

<sup>8</sup> A pajelança amazônica é um tema muito estudado, desde, pelo menos, Eduardo Galvão, na sua obra “Santos e Visagens”, de 1976. Sem se confundir com a Umbanda, a Quimbanda e os tambores da Mina paraense, é muito popular na região de Soure. É um rito de evidente origem indígena, provavelmente nascido nos aldeamentos jesuítas da região.

ta de Soure<sup>9</sup>. O comício aconteceu no bairro do São José, onde está a colônia dos pescadores e muitos dos terreiros da cidade. Alguns líderes desse culto chegaram a alterar a data de suas festas para Exu, em função do comício. O apoio dos líderes e frequentadores dessas casas de santo ao candidato vencedor era bem evidente, embora nem todos os pajés o tenham, de fato, apoiado. Outros candidatos a prefeito, todavia, nem marcaram comício para este dia, nem tiveram um apoio tão explícito dos pajés. Uma mãe de santo importante da cidade realizou sua festa de Exu no dia 23 de agosto, enquanto noutra casa, a incorporação dos médiuns pelos Exus só teve início ao final do comício, quando os frequentadores habituais da festa apareceram, e as entidades finalmente se manifestaram.

Há alguns anos, o representante da Federação Umbandista Paraense em Soure conseguiu com um prefeito que uma pequena praça, localizada numa importante encruzilhada num dos limites da cidade, fosse transformada na Praça do Exu. O local serve, desde então, de palco para as oferendas que uma série de tendas e terreiros de Umbanda de Soure realizam em homenagem a essa entidade do panteão afro-brasileiro. Devido à crise, a festa não foi realizada em 2000, cada casa de santo realizou suas “obrigações” para Exu em seus próprios limites, o que também viabilizou esses arranjos em relação aos eventos políticos da eleição municipal.

## 6. AS NEGOCIAÇÕES POLÍTICAS A PARTIR DO CÍRIO DE 2001

Montero, Arruti e Pompa (2011:145) chamam a atenção, a partir da noção de “tempo da Política” de Moacir Palmeira, como, durante as eleições, os diversos grupos políticos passam a existir publicamente para afirmar a sua existência plena e garantir o seu lugar no jogo político. Num momento de crise política como o vivido em Soure, as dimensões simbólicas do jogo político local vieram à tona, com histórias significativas sendo contadas continuamente. Esses processos sociais e simbólicos articulam diferenças que se legitimavam, mais uma vez, enquanto as diferenças que compõem aquele campo político.

Num outro texto, crítico ao anterior, Macagnó (2014) questiona a ênfase dada nas “políticas de reconhecimento” em torno dos mecanismos de produção de consensos por novos agentes sociais, no atual cenário político. O autor afirmou que o problema não é o reconhecimento, mas que tipo de relações políticas são reconhecidas e articuladas entre si. O campo religioso de Soure conseguiu produzir um consenso em torno do seu candidato em 2000, mas soube também dramatizar suas diferenças em disputas por espaços sociais, simbólicos e políticos em 2001. Essas disputas continuariam até as eleições de 2004, quando novamente candidatos bastante reconhecidos no cenário político municipal concorreram entre si e um deles venceu as eleições.

<sup>9</sup> O traçado da cidade de Soure, com largas ruas, arborizadas por canteiros centrais, cortadas por dezenas de travessas foi realizado pelo mesmo engenheiro que projetou Belo Horizonte, no início do século XX.

Montero, Arruti e Pompa (2011: 150) partem da constatação de que a “Antropologia é inevitavelmente política” e sugerem que o político deve ocupar “o lugar teórico-metodológico” antes ocupado pelo conceito de cultura, já que cada vez mais os estudos centrados na noção de cultura têm se transformado em estudos sobre a vida política de algum lugar. Sem querer entrar no mérito da reconceitualização do “político” e da “cultura” que esses autores fazem, posso afirmar que o estudo aqui apresentado se encaixa no que eles estão propondo, desde que não esqueçamos que tanto “Cultura” quanto “Política” tornaram-se termos “nativos” com diversos significados distintos e divergentes nos contextos sociais onde realizam-se pesquisas. (Montero et al. 2011).

Durante o Círio de 2001, esse campo religioso, antes em crise, reorganizou-se em novas direções. O ambiente de diálogo inter-religioso, presente no final de 2000, não desapareceu, mas foi substituído por um clima de confrontos entre membros das suas instituições religiosas. Confrontos que se tornaram possíveis a partir desse diálogo inicial.

O primeiro evento a ser considerado, todavia, veio a ser a realização do reality show “No Limite” numa fazenda nas imediações da cidade, na região do bairro do Tucumanduba. O prefeito eleito negociara sua realização no local, junto à Secretaria de Turismo do Pará. A instalação da infraestrutura do evento, que permaneceu na região durante alguns meses, injetou muito dinheiro na economia local. Funcionários

da emissora hospedaram-se nos principais hotéis da região, casas foram alugadas, uma série de serviços e produtos requisitados, e, mais do que isso, Soure, ou pelo menos suas praias “selvagens” estavam sendo vistas em todo o Brasil. Para uma cidade que vivera uma crise política e econômica tão aguda, o novo prefeito parecia trazer uma época de ansiada prosperidade.

O Círio de Nazaré de Soure, em 2001, fora, ao contrário do de 2000, uma grande festa de agradecimento. Festa rica, com várias famílias promovendo queimas de fogos extremamente suntuosas e esmerando-se nas decorações de suas casas e ruas. A festa continuou a desdobrar-se numa série de pequenos círios. Começou com o Círio dos estudantes, realizado na sexta-feira pela manhã, que passou pelas principais escolas da rede oficial e terminou na capela da Santa Maria dos Pobres, localizada na “Invasão”, um bairro popular. À tarde, após um culto realizado pelos leigos, ela saiu em procissão para a capela de Santa Rita, localizada na parte Leste da cidade, no “Bairro Novo”. No sábado saiu dessa capela em direção à capela de São José, na cerimônia denominada “Pré-transladação”, atravessando a cidade, no sentido Norte-Sul, da parte mais nova para a mais antiga, pois a Igreja de São José está localizada na parte mais antiga da cidade, junto à foz do rio Paracauari.

No domingo, finalmente, a imagem saiu da capela de São José para a igreja matriz, atravessando as principais vias do centro da cidade. No sábado à noite, todavia, a população católica, ao voltar da transladação, foi surpreendida com

uma manifestação de jovens da Assembleia de Deus, que realizava um protesto em frente ao templo, denunciando a “idolatria” da festa de Nazaré, e, principalmente, protestando com relação à passagem da procissão pela 5ª rua, onde está localizado o templo principal da Assembleia de Deus, o primeiro templo de 1912, e a “praça da Bíblia”, um espaço evangélico reconhecido pela Prefeitura, localizado no seu canteiro central.

Houve algum mal-estar, mas o protesto teve resultados. Segundo os organizadores católicos da festa, eles evitaram fazer alusões a Maria, quando passavam pelo trecho, baixando o som dos autofalantes e optando por: “Viva Jesus”!!! O carro de som, na verdade um caminhão de trio elétrico, passou, com a imagem da Virgem, pelo lado oposto ao templo principal, apressando o andamento da procissão, que faz uma curva na esquina da praça da Bíblia.

Questões mais antigas vieram à tona. O pastor da época, nascido e criado em Soure, lembrava que originalmente o Círio de Nazaré não passava por ali, e que os católicos podiam ter boa vontade em reconduzir o percurso da procissão ao seu traçado original. Os católicos, por sua vez, argumentavam que aquele percurso era “tradicional” e que nunca tiveram problemas com os evangélicos.

Esse clima de “acerto de contas” teve também uma contrapartida por parte da Federação Umbandista. Seu representante esforçava-se por lembrar o caso do embate entre os umbandistas e a Igreja Católica, com relação à realização da festa de Iemanjá. A Igreja Católica mantém numa praia

de Soure um sítio para retiros espirituais. O local, conhecido como Betânia, fica situado junto à antiga da praia do Mata-Fome, muito popular entre os moradores e veranistas. Nesta praia começaram os festivais de Iemanjá, a orixá padroeira das águas salgadas, em dezembro de 1980.

Em 1985, o frei responsável pelo local tentou impedir a realização do festival, cercando o acesso à praia, situada logo após o muro da Floresta de Betânia. A Federação de Umbanda entrou com um mandado de segurança. A juíza, à época, deu parecer favorável à Federação, ordenando a retirada da cerca. Como o representante da federação era um funcionário da Polícia Civil, levou uma equipe de presidiários para derrubar a cerca, e a festa foi realizada.

A praia do Mata-Fome, porém, tinha problemas. A retirada excessiva de areia de suas dunas, para a construção civil, causou alguma desordem ambiental de sérias consequências. Com a força das grandes marés equinociais que se abatem sobre suas praias, a areia terminou por desaparecer. A praia deu lugar a um lamaçal, hoje um manguezal em formação. Os pajés interpretaram o fenômeno como um castigo de Iemanjá, desgostosa com a perseguição do frei. Esse, por sua vez, teve um derrame num globo ocular, terminando por perder a visão. Acabou transferido para a vizinha cidade de Salvaterra.

Devido ao fim da praia, o festival de Iemanjá mudou para a praia de Santa Marta, em frente ao Hotel Ilha do Marajó, o maior hotel de Soure. Os proprietários do hotel apoiaram a festa, que faz parte do calendário de eventos culturais

da cidade. O fluxo turístico deslocou-se da praia do Mata-Fome para a Praia do Pesqueiro, a 8km do centro da cidade, onde os festejos de Iemanjá eram realizados anteriormente, e para a Praia da Barra Velha, situada do lado da Praia do Mata Fome. É a atual praia da cidade, por excelência.

Comparável ao incidente com os evangélicos, a federação umbandista aproveitava o momento para enfatizar seus espaços conquistados ao Catolicismo e lembrar o seu lugar na sociedade local. O *reality show*, ao apresentar a natureza de Soure para todo o Brasil, tivera como efeito um incremento no culto aos Encantados, visto como protetores da natureza da região. A fazenda São Jerônimo, transformada em atração turística, é considerada lugar de encantarias, que são devidamente cultuadas pelos seus proprietários. Histórias envolvendo os Encantados e os participantes do programa circulavam pela cidade.

Para discutir essas situações, o modelo desenvolvido por Bourdieu, a partir de Weber, é muito útil. Bourdieu (1987) considera as relações recíprocas estabelecidas entre os leigos, por um lado e os sacerdotes, profetas e feiticeiros, por outro, enquanto negociações em torno do “trabalho religioso” promovido por esses especialistas. Grosso modo, poderia situar a influência dos padres, pastores e pajés, a partir desse conceito, com o objetivo de perceber como de fato atuam frente à população de Soure, no que diferem entre si e como tem sido a evolução histórica de suas práticas.

Os padres e freiras católicos desenvolvem um padrão de relacionamento com o público católico

bastante contraditório. Se os sacerdotes exercem um controle eclesiástico em relação à religiosidade popular, até certo ponto, as vantagens da aliança entre ambos estavam evidentes no exercício da autoridade eclesiástica frente ao prefeito e ao interventor. Antes disso, todavia, o ano de 2000 servira para a população de Soure não só expulsar um prefeito corrupto, mas também dois padres, vistos como “de fora”.

A participação de eclesiásticos nos acontecimentos de 2000 não ficou limitada ao bispo e à madre superiora. Na época, havia um padre responsável pelo serviço religioso regular, vindo de Minas Gerais. Era jovem e sua participação no movimento dos servidores era muito pequena. No auge da crise, algumas professoras começaram a coletar alimentos para os mais necessitados. Esse padre se negou a doar alimentos da dispensa da Igreja e teria feito um comentário que causou um sério mal-estar. A professora que lhe pediu donativos para dar uma ideia da gravidade da situação, afirmara que “o povo está tendo que comer castanha de caju torrada no quintal!”. Era época de caju, fruta abundante nos quintais e praias de Soure e uma das únicas a frutificar em agosto e setembro. O padre teria dito: “Então estão passando bem, pois na minha terra castanha de caju é uma comida fina e cara”.

Tal diálogo estava sendo comentado nas ruas, durante o mês de setembro, como evidência da insensibilidade do padre, que não só assumia sua alteridade, como nem se identificava com o povo local, nem se solidarizava com ele. O padre mineiro terminou sendo transferido da cidade,

substituído por outro, vindo do Ceará. Este, tendo chegado a Soure em dezembro de 2000, desligou-se três meses depois, devido a uma crise de estafa. Comentava-se na cidade, inclusive na Igreja, que ele também tivera sérios problemas de relacionamento com os fiéis católicos de Soure, uma comunidade bastante organizada, o que resultou em seu afastamento.

Em 8 de dezembro de 2001, por outro lado, Soure finalmente assistiu à ordenação de um padre nascido, criado e ordenado lá mesmo, irmão carnal do “leigo” responsável pela organização do Círio de 2001. Tal ordenação aconteceu no ginásio da cidade e foi motivo de grande festa. No mesmo dia, realizava-se o Círio da Vila do Pesqueiro, o balneário mais importante da cidade e a festa de Iemanjá, na praia do Hotel Ilha do Marajó e mais outra festa de pajelança, no sítio de um morador, que festejava seus “encantados” na mesma data, reforçando a importância deste dia no calendário religioso local.

O Círio de 2001 permitiu considerar, de várias maneiras, como os líderes eclesiais dividem seu trabalho religioso em torno da promoção da festa com os especialistas leigos do Catolicismo popular. Em 2001, a Igreja Católica optou por uma participação bem mais discreta na festa. O puxador do Círio não foi mais a madre superiora, e sim o “leigo”, de fato um rapaz dos mais atuantes na vida religiosa de Soure, irmão do padre recém-ordenado. Legítimo representante da comunidade, aos olhos

dos agentes eclesiais, conduziu a festa, ao longo dos dias de sua realização. Tal mudança, confirmada pelas freiras, como uma opção de deixar as “festas populares sob responsabilidade do povo”, ajudava a perceber como funciona, em Soure, o que Maués (1999:171) chamou de tensão constitutiva do Catolicismo eclesial frente ao Catolicismo popular na Amazônia<sup>10</sup>.

O Círio de Soure, nos seus primeiros dias, demonstra ser, dentre outras coisas, uma dramatização desta luta. Na sexta-feira, o Círio dos estudantes foi uma cerimônia pequena, realizada pelos colégios, com alunos uniformizados, os padres e as freiras, e os “leigos” diretamente ligados ao Catolicismo. A imagem da Virgem é levada de um colégio, bem no centro da cidade, até uma capela num bairro da periferia. É um cortejo em que a voz da procissão está muito ligada às pessoas da Igreja.

Ao longo do extenso percurso da transladação da Virgem, que caminha por diversas ruas e bairros de Soure, o número de fiéis vai aumentando. Ao mesmo tempo, o “discurso” eclesial, seja dos sacerdotes, seja dos “leigos”, vai diminuindo, sendo substituído cada vez mais por cânticos e exclamações de louvor. Ou seja, a ideia que a Igreja, enquanto instituição, a representante da grande tradição católica apostólica romana, faz do culto mariano, dos ideais de salvação, agora não mais somente individual, mas também social, vai cedendo espaço, progressivamente, ao estilo de culto característico do Catolicismo

<sup>10</sup> Maués (1995, 1999) demonstra que neste embate, o Catolicismo popular saiu vitorioso, frente aos embates históricos da romanização. Com o Concílio Vaticano II e a Teologia da Libertação, a valorização das versões populares do Catolicismo ganhou muito espaço.

popular, em que a santa é celebrada com festa, fogos, cânticos, e depois muita comida e bebida.

No dia de domingo, quando acontece o Círio propriamente dito, a festa popular predomina. É de manhã, o clima ainda não está muito quente, e a imagem da Virgem deixa a Igreja de São José em direção ao cruzeiro da cidade, situado em sua praça, atrás do ginásio da cidade no bairro central. Nessa primeira parada, a procissão faz uma pequena concentração, recebendo a presença dos retardatários. Daí em diante, o cortejo segue por diversas ruas da área central, até voltar à Igreja Matriz, quando é “devolvida” aos sacerdotes, que a mantém sob sua guarda até o próximo Círio.

No caso do protesto dos evangélicos, na frente da Igreja Matriz, durante o Círio de 2001, deve ser levado em consideração que ele foi promovido pela juventude da Assembleia de Deus, fato confirmado pelo pastor da época. Tanto em Soure como em Salvaterra, a Assembleia de Deus demonstrava perder seu caráter de culto de conversão, tornando-se uma tradição religiosa, devidamente celebrada por e para toda uma geração de adeptos que já nasceram evangélicos. Em 2000, a Assembleia celebrou seus 40 anos em Salvaterra e em 2002, seus 90 anos em Soure. Realizando grandes festivais, inclusive com procissões pela cidade, com grupos de senhoras, jovens e crianças devidamente caracterizados, essa igreja celebrava seu sucesso e sua consolidação. Chamava a atenção, nos dois casos, o grande número de jovens casais com filhos assistindo aos depoimentos e louvores realizados pelos pastores pioneiros e suas esposas, além das lembran-

ças dos primeiros conversos, já muito idosos.

Nesse sentido, o caráter profético dessa denominação evangélica parece ser, neste contexto, coisa do passado. Os adeptos mais antigos contaram histórias heroicas, da “chegada do evangelho” no Marajó, algumas recheadas de misticismo, outras de piedade, outras de perseguições por parte dos católicos. Do ponto de vista deles, os primeiros pastores foram verdadeiros profetas, missionários de uma nova e extraordinária modalidade de Cristianismo. Diversas memórias foram lembradas dentro desse espírito em suas cerimônias. Por outro lado, olhando a partir daquele momento, os pastores atuais já fazem parte de uma estrutura altamente burocratizada, sendo substituídos periodicamente, atendendo aos seus próprios interesses e à política da direção da Igreja, sediada na cidade de Belém, a dois quarteirões do Largo de Nazaré. Nesse novo momento, a burocratização do culto não dá mais espaço para lideranças carismáticas nem discursos proféticos. No lugar dos milagres do passado, ações presentes no cenário político local.

Os pajés, particularmente os homens, gozam de grande prestígio nessa região do Marajó, na condição de “curadores”. Realizam curas por meio do rito “da pena e do maracá”, com evidentes raízes indígenas. Mesmo que em seus terreiros sejam cultuadas entidades de Umbanda e da Mina paraense e maranhense, é a cura mágica que os identifica. As mulheres, pelo contrário, tendem a serem vistas como “mulheres que fazem trabalhos”, feiticeiras, no sentido vulgar, mesmo que desenvolvam os mesmos ri-

tos que os homens. Mesmo assim, sua liderança mais famosa em Soure é uma pajé, Zeneida Lima. Autora de diversos livros sobre suas práticas religiosas, viaja pelo país e exterior, já gravou vários documentários e à época, deu início a um projeto de uma escola, inaugurada em 2002, o “Instituto Caruanas do Marajó: Cultura e Ecologia”, voltado para o resgate das tradições culturais locais junto a comunidades carentes, com o apoio da Secretaria de Estado de Educação do Pará (SEDUC)<sup>11</sup>.

A Federação Umbandista do Pará, com sede em Belém, se fez representar em Soure. Não há uma federação umbandista da Ilha de Marajó. A federação cobra uma anuidade, que funciona como uma espécie de alvará. Metade dos pajés e mães de santo de Soure estão filiados e são os que têm maior prestígio e visibilidade. Outra metade funciona de maneira ilegal e informal, do ponto de vista dos primeiros.

A relação dos pajés com o crescente mercado turístico de Soure é o que mais chamava a atenção, todavia. Pude presenciar Encantados sendo cultuados tanto na fazenda São Jerônimo, quanto em mais dois hotéis da cidade, todos situados junto à praias e outros locais associados às encantarias. Outra pousada, famosa na década de 1980, e hoje completamente abandonada, tem sua ruína associada à negligência de um gerente, que parou de cultuar as encantarias de seu terreno. Conscientes de que a natureza circun-

dante de Soure é um de seus maiores atrativos para o turismo ecológico que promove e consome a Amazônia, os pajés enfatizam que são eles os guardiões e intérpretes desta natureza, profundamente simbolizada. Em seu discurso, os Encantados, quando devidamente cultuados, garantem prosperidade, e quando negligenciados, tal negligência conduz à ruína.

Em meio à crise política, estudantes e professores da rede escolar, comerciantes e profissionais da área do turismo contavam e recontavam histórias a respeito de políticos fazendo e traindo pactos com os pajés e suas entidades simbólicas, os Encantados. Tais políticos buscavam poder e principalmente sucesso econômico em seus empreendimentos, mas desrespeitavam os Encantados, não retribuindo com as obrigações e oferendas exigidas ou simplesmente não protegendo a natureza onde eles vivem, as praias, bosques, nascentes. O resultado da traição era o fracasso dos seus empreendimentos.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS: A DEMOCRACIA “BREGA” (DO PARÁ)

Se retomar a noção de Turner (2008: 49) de “drama social” para situar os acontecimentos políticos do município de Soure nos anos de 2000 e 2001, após os fatos aqui expostos, é possível afirmar que aquela crise política revelou alguma coisa da estrutura política e cultural da região, ao

<sup>11</sup> Eu nunca consegui conhecer e entrevistar Zeneida Lima, em função de sua agenda, devido a implementação da sua escola. Ela era muito bem-relacionada com os políticos de Belém e estava sempre na capital do estado, quando não estava viajando para outras terras. Em 2021, Zeneida Lima recebeu da UFPA o título de *Doutora Honoris Causa* por causa de seu trabalho na área da Educação.

mobilizar não apenas as agências políticas, mas também as religiosas. É fato bem discutido que a política partidária, com suas eleições regulares, tem uma dimensão ritual evidente em seus processos eleitorais. Turner (2008) concebeu a ideia de Drama Social a partir dos casos africanos que estudou e de outros exemplos asiáticos. Nada tão próximo das eleições municipais de Soure. Creio que o mais importante é deter-se em umas de suas perguntas finais: “como os símbolos funcionam? Que usos os agentes sociais fazem dele quando precisam?”. A eleição do Dr. Ary conseguiu restaurar a ordem política local, num processo no qual ele nunca mais foi candidato, agindo como um restaurador de uma ordem social que se revelou em todo o processo eleitoral e ao longo do seu governo.

Ao longo dos últimos 23 anos, várias pesquisas foram realizadas em Soure e na Ilha de Marajó como um todo, discutindo sua vida cultural, religiosa e política, vale a pena considerar aqui algumas dessas obras e as questões que levantam sobre a vida social da região. Sônia Maria do Amaral e Elivaldo Custódio<sup>12</sup>, numa pesquisa sobre a comunidade de Santa Luzia, município de Breves (PA), publicada em 2019, encontraram uma comunidade “tradicional”, nem indígena e nem quilombola, marcada pelo Catolicismo rústico, característico da Amazônia rural, com benzeções, rezas, remédios ‘do mato’ para problemas de saúde mais corriqueiros e festas de santo, organizadas pelos líderes comunitários e familiares do local. Também existem

Assembleias de Deus, num quadro social semelhante ao dos “retiros” de Soure, as pequenas comunidades de pescadores, fazedores de farinha e coletores de açaí da região. As lideranças comunitárias também são as lideranças religiosas, o que vai implicar uma expressão de mediação no cenário político. A estrutura social básica da região continua a da zona rural amazônica, com sua natureza, suas florestas, rios, bichos, encantados e visagens que povoam a vida de seus habitantes (Custódio & Amaral 2019).

Pantoja (2012), professora da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), pesquisando as relações entre católicos e evangélicos em todos os municípios da Ilha de Marajó, descreve um campo religioso “tenso”, marcado por uma série de mudanças. É possível inferir que os acontecimentos que presenciei e pude relatar faziam parte de uma história mais ampla que já existia, evidentemente e que continua se desenvolvendo, dentro das suas características fundamentais. A pesquisa parte da evidência do crescimento evangélico na região, principalmente a partir do ano 2000, principalmente das denominações que já existiam na época: Assembleia de Deus, Quadrangular e “Deus é amor”. A Igreja Universal do Reino de Deus continua tendo uma presença discreta, senão inexpressiva em muitos municípios. Embora os pastores continuem dizendo que “fazem religião e não política”, o número crescente de políticos evangélicos aproxima os pastores da política. Os pastores são muito personalistas e o sucesso de uma denominação

<sup>12</sup> Professora pesquisadora da UFPA, campus de Breves, e professor pesquisador do Amapá, respectivamente.

em uma localidade é resultado do bom relacionamento dos seus pastores com a comunidade. Definitivamente, o tempo profético das denominações evangélicas e pentecostais realmente já passou. É possível afirmar que os acontecimentos de 2000 e 2001 em Soure e Salvaterra foram, de fato, um marco entre dois tempos. Os tempos atuais são outros. (Pantoja 2012).

As lideranças católicas, por sua vez, preocupam-se com o aumento da presença evangélica e reforçam suas festas de santo, que sempre foram sua marca registrada como o “Glorioso” São Sebastião de Cachoeira do Arari. As comissões leigas que organizam as festas têm sua presença reforçada e reconhecida pelas autoridades eclesásticas e a presença de padres nascidos na região continua bem-vinda. A importância dos leigos para o Catolicismo local, evidenciada nos Círios de Soure, permanece, quero crer, como o personalismo possível dos católicos. Se o pastor evangélico, que muitas vezes não é de lá, precisa fazer boas relações com os seus associados, o ideal é que os sacerdotes e especialistas leigos católicos sejam os mais locais possíveis, para garantir a presença da Igreja Católica na região, graças, principalmente aos seus santos e à realização de suas festas.

Sanchis (1997) discutiu a perda da hegemonia católica no cenário religioso brasileiro, resultando em novos processos de definição e gerenciamento de identidades sociais. Certas tendências presentes em Soure faziam bastante sentido a partir da sua discussão (Sanchis 1997). O Catolicismo tendo que se acomodar às suas versões

locais, sincréticas e nativas, que cada vez mais ganham espaço de identidade católica, com suas procissões e festas de terreiro para os santos católicos, com um peso crescente da influência das freiras, das matriarcas e das festeiras. No jogo do controle eclesástico, em que os principais símbolos sagrados circulam entre as lideranças leigas e as lideranças eclesásticas, vale a pena acompanhar as direções e definições que surgiram e que irão prevalecer. Não é simplesmente uma questão de perguntar: A quem pertencem os santos? Mas nas mãos de quem estão e em que momento. Essa questão era evidente na época e continua presente, desde o Círio de Belém até os círios menores das vilas e ranchos da Ilha de Marajó e do interior do Pará.

O que mais chamava a atenção, visto hoje, foi a ocupação dos espaços públicos, com uma maior visibilidade de novos agentes com novos discursos. Os pentecostais já participavam da vida política local, mas não de uma vida política pública ocupando espaços públicos como passaram a fazer, após a crise política de 2000 e a eleição do prefeito em questão. Um pentecostalismo que sempre se destacou no cenário evangélico, frente aos protestantes históricos.

Outra questão que surge aqui tem a ver com o caráter mais festivo que a vida política e social da região apresenta. Os assembleianos começaram a preparar tacacás nos seus eventos, um prato típico, fácil de fazer e muito social no seu consumo, além das suas bandas animarem, à sua maneira, os seus eventos. Havia, na época, uma polêmica em Soure, sobre

a celebração do centenário da fundação da Assembleia de Deus, em 2012. Se estaria de acordo ou não com o estilo austero do culto pentecostal. Pude retornar à região em 2013, no ano novo, e a efeméride havia sido comemorada com a inauguração de um “centro histórico” da Assembleia de Deus, junto ao primeiro templo, do outro lado da rua do templo principal, atendendo às demandas de um turismo religioso que se estabelecera entre eles, segundo os atuais dirigentes, naquele novo momento.

A pajelança sobrepõe-se como identidade, seja ao Kardecismo, muito discreto, seja a Umbanda e aos cultos da Mina. Embora todas essas modalidades de culto convivam sem cruzar as suas linhas, uma questão realmente importante<sup>13</sup>. A pajelança começava a desenvolver um discurso de preservação ambiental, a partir de seus próprios termos, mais místicos do que ecológicos e se articulando com um discurso de preservação da cultura amazônica, que representa à sua maneira, junto com outras manifestações e agências caboclas, negras e quilombolas. Não havia uma perseguição evangélica às religiões de matriz africana, que compõem a identidade marajoara, paraense e amazônica. Esse discurso apontava para várias direções. Muitos Encantados são entidades ligadas a determinados locais, cujo acesso precisa ser negociado junto aos proprietários das terras, sejam fazendeiros ou empresários,

sejam as igrejas ou os órgãos governamentais, como o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), no caso das áreas de preservação ambiental. Essas lideranças religiosas negociam o seu acesso a essas áreas, para os seus trabalhos junto à sua crescente clientela. Essa natureza e sua magia tornaram-se atrações turísticas cada dia mais valorizadas na região, processo que também os valoriza como especialistas culturais e ecológicos. Diante do avanço do progresso agrícola para a região, esses discursos crescem em meio às suas diversas contradições locais.

Um belíssimo trabalho atualizou, entre outros, os estudos da Pajelança de Soure, na Ilha de Marajó. Trata-se da dissertação em Antropologia de Kauã Vasconcelos, defendida no Museu Nacional/UFRJ, em 2020. O autor conseguiu trabalhar com importantes pajés de Soure, que eu havia conhecido: dona Roxita, dona Fátima e seu Hilário, todos negros e muito reconhecidos pela força espiritual dos seus trabalhos. Já estão com alguma idade, mas continuam atuando. Dona Fátima transferiu a festa que realiza para Iemanjá para a Praia do Pesqueiro, onde já havia sido realizada, com bastante sucesso. Fretou ônibus para levar os membros e frequentadores da sua casa até a praia, a cerca de 5 km do centro da cidade de Soure. Suas filhas, já crescidas, também estão trabalhando com suas entidades

<sup>13</sup> Goldman (2017) dedicou uma discussão a este tema, em sua crítica ao sincretismo afro-brasileiro. Procurando falar de “relações afro-indígenas”, como encontrou no Sul da Bahia e se encontra na Ilha de Marajó, para descrever contextos culturais muito particulares onde essas populações e seus elementos culturais dialogam historicamente. Em ambos os casos nunca se deve “cruzar as linhas”, ou seja, misturar os específicos universos simbólicos de cada casa de culto que se reconhecem, assim mesmo, como fazendo parte de um conjunto maior, seja religiões de matriz africana ou simplesmente “o povo do santo”, ou o culto dos encantados ou a pajelança. (Goldman 2017).

e dando continuidade ao culto que desenvolve, com Encantados e entidades de Umbanda (Vasconcelos 2020).<sup>14</sup>

A Ilha de Marajó continua uma Ilha Encantada e dos Encantados. De fato, é praticamente impossível imaginar o Marajó sem as suas praias, matas, suas feiras, seus açaiçais e bacabais, seus guarás vermelhos, suas garças brancas, suas araras e papagaios, seus búfalos e vacas, suas igrejas, suas festas, seus santos e seus encantados, suas visagens e as suas histórias, contadas pelos seus pajés, suas mães de santo, seus pescadores, suas beatas e seus moradores. O que esses estudos mais recentes indicam é que a crescente presença evangélica realmente limitou o controle eclesástico dos sacerdotes católicos, não muito simpáticos com a religiosidade afro-indígena predominante na região. Essa religiosidade das igrejas, de fato, não consegue se sobrepor ao universo da pajelança e dos demais cultos associados, da Mina paraense, maranhense e da Umbanda, que continuam traduzindo e expressando o vigor da cultura amazônica e das relações com a sua natureza. Além disso, posso dizer que os problemas principais são outros e comum a todas essas religiosidades.

Soure é um centro urbano de um mundo rural dominado por uma elite poderosa<sup>15</sup>. Originalmente um aldeamento jesuíta, teve suas terras redistribuídas para senhores por-

tugueses quando da expulsão dos religiosos pelo Marquês de Pombal em meados do século XVIII. Com o período econômico da borracha, seus rebanhos de gado abasteciam Belém de carne, queijo, manteiga, além de pescados e frutos, produtos característicos da região até hoje. Muitas terras mudaram de mãos, entre os séculos XIX e XX, com o surgimento de uma nova elite fundiária e comercial.

Todas essas suas tradições religiosas contam histórias do início do século XX, na qual um padre católico, o próprio Gunnar Vingren, fundador da Assembleia de Deus, ou o “pretinho da Baca-beira”, um encantado cultuado na cidade, amaldiçoaram e venceram fazendeiros arrogantes que os haviam perseguido. No início do século XX, o padre católico local se indispôs com uma das famílias dominantes da região, que o espancaram e o expulsaram de lá. Esse padre teria amaldiçoado a família Bezerra, que sempre foi marcada desde então por tragédias familiares e econômicas. Há 20 anos ainda vivia uma descendente na cidade, com uma pequena pousada, onde, contavam, havia acontecido dois crimes. Ela era famosa por não pagar os seus funcionários.

Quando Gunnar Vingren esteve em Soure dando início às suas atividades missionárias, outro fazendeiro teria dito: “Maldito! Que uma onça te coma”. Dias depois, quando voltava para a fazenda a cavalo, esse fazendeiro foi atacado

<sup>14</sup> Um pesquisador importante da pajelança marajoara é Agenor Sarraf Pacheco. Ele trabalha com uma perspectiva mais histórica, um tanto distante do olhar etnográfico deste texto.

<sup>15</sup> A UDR paraense nascera em Soure. Seus criadores de gado passaram a ter fazendas na Belém-Brasília, em Paragominas (PA) e têm até hoje uma presença marcante na política estadual e nacional.

e morto por uma onça, que saltou de uma árvore. Outro fazendeiro, também um homem muito violento, foi encontrado espancado e morto no local associado ao “Pretinho da Bacabeira”, um encantado importante que habita uma antiga enseada às margens do rio Paracauari. O fazendeiro também teria desrespeitado o Pretinho e o seu local, sendo punido por ele. Muito tempo depois, tentaram construir um aterro neste local, entre as suas duas margens, sem que o Pretinho tivesse sido consultado. O aterro terminou desabando, devido às fortes correntezas do rio, e o local foi deixado em paz. O Pretinho era cultuado em dois lugares nas duas margens, num hotel e num centro cultural. Essas histórias fazem parte do imaginário cultural, político e religioso local e ajudam a situar tensões políticas a partir de seu campo religioso. Afinal, pajés, pastores e padres já foram perseguidos pela elite fundiária, tendo uma atuação enquanto mediadores culturais e políticos reconhecida desde o início da República. De alguma maneira, os acontecimentos do ano 2000 estavam atualizando essa mediação.

Quero crer que todos esses episódios aqui narrados e seus desdobramentos atuais podem ser contextualizados a partir da noção de “sociedade política” de Chatterje (2004: 129), cientista social indiano. Escrevendo a partir da sua Bengala Ocidental natal, governada por partidos de esquerda há um bom tempo, estabeleceu uma distinção entre a sociedade civil, como nós entendemos, e da qual fazemos parte, com a sua pretensa cidadania universal e o que chamou de “sociedade política”, onde vivem a maioria dos

habitantes da Índia e também aqui do Brasil. Nela não existem exatamente reivindicações pela mesma cidadania da sociedade civil, mas reivindicações sobre a forma de ser governado, por esses “sub-cidadãos” da maior parte do mundo, que se expressam nos seus próprios termos. Essa sociedade política dialoga com as autoridades governamentais e encontra um lugar numa nova cultura política geral, que, em certa medida, ela mesmo elabora nos seus idiomas religiosos e culturais. Essa distinção entre sociedade civil e sociedade política me parece muito mais adequada do que as nossas velhas distinções do tipo “Brasil Profundo”, ou “atraso brasileiro” e outros estereótipos viciados para falar de diferenças evidentes na sociedade brasileira. Permite também problematizar mais e melhor o tema da representação política desses novos grupos políticos que constroem uma visibilidade e expandem suas liberdades por meio dos mecanismos que a estrutura política do país oferece. Permite assim reconhecer esses jogos políticos como tal, em seus próprios termos e nas suas dimensões, o que noutra momento, denominei, no caso de Soure, de “Democracia Brega” (do Pará) onde a vida política e a vida cultural se entrecruzam de uma maneira bem específica (Silveira 2014). Cabe à classe política e a nós, intelectuais, reconhecer e dialogar da melhor maneira possível, não apenas com esses novos atores políticos, mas com as suas maneiras de estar na política. Creio que as Ciências Sociais brasileiras vêm fazendo esse esforço nas duas últimas décadas, sendo inclusive perseguidas politicamente por essa intenção.

## 8. REFERÊNCIAS

Bourdieu, Pierre. 1987. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva.

Chatterjee, Partha. 2004. *Colonialismo, modernidade e política*. Salvador: EDUFBA/CEAO.

Custódio, Elivaldo Serrão, Amaral, Sônia Maria Pereira. 2019. A comunidade de Santa Luzia no arquipélago do Marajó: vivências e práticas religiosas. *Revista Brasileira de História das Religiões*. 11(33): 23-50. <http://dx.doi.org/10.4025/rbhranpuh.v11i33.42096>

Figueiredo, Sílvio L. 2000. *Ecoturismo, festas e rituais na Amazônia*. Belém: NAEA/UFPA.

Goldman, Márcio. 2006. *Como funciona a democracia: uma teoria etnográfica da política*. Rio de Janeiro: 7letras.

Goldman, Márcio. 2017. Contradiscursos afroindígenas sobre mistura, sincretismo e mestiçagem. *Estudos Etnográficos* 9 (2):11-28. <https://doi.org/10.52426/rau.v9i2.195>

Heredia, Beatriz M. A. 2002. Entre duas eleições. Relação político-eleitor, in *Como se fazem eleições no Brasil*. Editado por Heredia, Beatriz M. A., Teixeira, Carla, e Barreira Irllys. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

Kuschnir, Karina. 2000. *Eleições e representações no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/NUAP.

Macagno, Lorenzo. 2014. Uma antropologia do Político? *Análise Social* 210 (56): 163-189

Maués, Raymundo Heraldo. 1995. *Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesial*. Belém: CEJUP.

Maués, Raymundo Heraldo. 1999. *Uma “outra” invenção da Amazônia*. Belém: CEJUP.

Montero, Paula; Arruti, José M., e Pompa, Cristina. 2011. Para uma antropologia do político, in *O Horizonte da política - Agendas de pesquisa e questões emergentes*. São Paulo: Ed. Unesp. pp. 145-184.

Palmeira, Moacir G., Heredia, Beatriz M. A. 1995. Os comícios e a política de facções. *Anuário Antropológico* 0(94): 31-94.

Pantoja, Vanda. 2012. Pentecostais e católicos na Amazonia marajoara – notas de campo. *Espaço e cultura* 0(31): 115-124.

Sanchis, Pierre. 1997. O campo religioso contemporâneo no Brasil, in *Globalização e religião*. Editado por Oro, Ari Pedro, Steil, Carlos Alberto, pp.103-115. Petrópolis: Vozes,

Silveira, Marcos Silva da. 2014. Democracia brega: considerações a respeito do campo político de Soure, Ilha de Marajó, visto a partir de suas performances culturais. *Revista Observatório da Religião* 1(1): 160-172.

Tambiah, Stanley Jeyaraja. 2018. *Cultura, pensamento e ação social*. Petrópolis: Editora Vozes,

Teixeira, Carla C. 1998. *A honra da política*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

Turner, Victor. 2008. *Dramas, campos e metáforas*. Niterói: Universidade Federal Fluminense.

Vasconcelos, Kauã. 2020. Nas margens de lá: entre caboclos e karuanas na encantaria marajoara. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Rio de Janeiro.